Dia 13 — Santo Eduardo, Rei da Inglaterra, Confessor

Martirológio Romano

Santo Eduardo, rei, na Inglaterra, o qual morreu a 3 de janeiro; celebra-se sua festa neste dia em que foi trasladado seu corpo. (Veja-se sua história entre as de hoje.)

São Carpo, discípulo do apóstolo São Paulo, em Troade (ou Trôade), cidade da Ásia menor. (O mesmo santo Apóstolo o consagrou depois bispo de Trôade e esteve hospedado em sua casa, segundo se infere da carta II a Timóteo, 4,13, na qual diz o seguinte: «Traze contigo, ao vir, a capa que deixei em Trôade em casa de Carpo, e os livros, e sobretudo os pergaminhos.» Os gregos o têm por outro dos discípulos do Senhor, e provavelmente é o mesmo em cuja casa, estando São Paulo, ressuscitou o jovem que caiu da janela. (At 20,10.) Galesínio diz que seus contemporâneos lhe deram o título de Mel ático. São Dionísio o Areopagita faz dele extraordinário elogio em sua carta a Demófilo. Segundo certo escritor antigo, morreu em santa paz nos últimos tempos do século I.)

O martírio dos santos mártires Fausto, Januário ou Genaro, e Marcial, em Córdova, na Espanha; os quais primeiro foram atormentados no cavalete, depois lhes arrancaram os dentes e lhes cortaram as sobrancelhas, as orelhas e os narizes; e por fim consumaram o martírio sendo queimados. (Veja-se sua história entre as de hoje.)

São Florêncio, mártir, em Tessalônica; o qual, depois de haver padecido muitos tormentos, o queimaram (por fim num forno aceso).

São Colmano ou Colnan, mártir, na Áustria. (Era escocês de nação e de sangue real. Tendo padecido cruel morte na cidade de Stockerau, a seis léguas de Viena, de passagem para os Lugares Santos, e em vista dos milagres que obrou o Senhor por sua intercessão, a Alemanha o tomou por patrono e dedicou muitas igrejas em honra sua.)

O martírio de sete santos religiosos da Ordem dos Menores, Daniel, Samuel, Ângelo, Domno (ou Donulo), Leão, Nicolau e Ugolino, em Ceuta, cidade da Berbéria; os quais, porque pregavam o Evangelho e confutavam a seita de Maomé, padeceram da parte dos sarracenos afrontas, cárceres e açoites; e ao cabo, sendo degolados, alcançaram a palma do martírio. (Veja-se sua história entre as de hoje.)

São Teófilo, bispo, em Antioquia; o sexto que governou aquela Igreja depois do apóstolo São Pedro. (Escreveu vários tratados em defesa da Religião: morreu imperando Cômodo, pelos anos 186.)

São Venâncio, abade e confessor, em Tours.

Santa Quelidônia ou Celidônia, virgem, em Subiaco, na campanha de Roma. (Seu corpo foi colocado na igreja de Santa Escolástica.)

No Calendário do principado da Catalunha faz-se hoje comemoração de São Gerardo, abade, cuja história se lê entre as do dia 3 deste mês, conforme ao Martirológio Romano.

Santo Eduardo, Rei da Inglaterra, Confessor

Santo Eduardo, terceiro deste nome, rei da Inglaterra, chamado o Confessor ou o Piedoso, cuja santidade acrescentou tanto esplendor à majestade do trono, nasceu ao mundo pelo princípio do século XI. Foi sobrinho de um santo rei mártir e de seu mesmo nome; filho de Etelredo e de Ema, filha de Ricardo, duque da Normandia. Por uma singular e bem extraordinária eleição da divina Providência foi jurado rei da Inglaterra estando ainda no ventre de sua mãe, em prejuízo do príncipe Edmundo, seu meio-irmão, primogênito do primeiro matrimônio, e de seu irmão inteiro o príncipe Alfredo, que também o era do segundo. Juntos em Cortes todos os Estados do reino, prevendo já a próxima irrupção e ainda inundação dos dinamarqueses que ameaçavam a Inglaterra, convieram em reconhecer por herdeiro presuntivo da coroa o infante que a rainha trazia em suas entranhas; juraram-lhe fidelidade e, antes de haver nascido, prestaram-lhe a obediência, obrigando-se a reconhecê-lo por seu legítimo soberano. Logo que saiu à luz do mundo, viu-se precisado a refugiar-se na Normandia com toda a família real para evitar o furor dos dinamarqueses.

Todo o tempo que durou a educação que se lhe deu naquele desterro observou-se que com a inocência dos costumes ia crescendo no terno Príncipe o horror ao vício e o amor à virtude, ainda antes de ter idade para conhecer seu mérito e seu valor. À aprazibilidade de seu natural, que era verdadeiramente admirável, juntava tão extraordinária pureza que parecia sobrenatural, merecendo-lhe desde logo o renome de Anjo da corte. Causava-lhe horror, e sem liberdade lhe fazia fugir, qualquer palavra, o menor objeto que nem ainda levissimamente lastimasse esta delicada virtude; e numa idade em que os demais meninos só acham gosto em seus pueris inocentes enredos, ao terno Príncipe nada divertia senão a oração e outros exercícios de piedade. Sempre lhe parecia curto o tempo que gastava na igreja e não havia para ele gosto nem consolo igual como assistir ao santo sacrifício da missa. Sendo tão inimigo de todos os entretenimentos que costumam divertir os demais príncipes meninos, toda a sua diversão e todo o seu recreio, em concluindo com as horas do estudo e com suas devoções, era ir passar alguns momentos num mosteiro, observando-se que se arrimava mais e fazia maiores agasalhos aos monges mais

religiosos, mais modestos e mais santos.

Morreu seu pai neste tempo e tirou a vida a seus dois irmãos a barbaridade dos dinamarqueses e o artifício de Godwin, um dos principais senhores da Inglaterra, que tudo enchiam de fogo e sangue; pelo que se achou Eduardo único herdeiro do reino, usurpado e assolado pelos dinamarqueses. Estavam despojadas as igrejas, arruinados os mosteiros e só se via no desgraçado reino uma geral dissolução. Vivia em tempo destas calamidades públicas retirado em certo mosteiro um santo bispo chamado Brihtwald, chorando amargamente os pecados de sua nação, quando teve um sonho que o encheu de consolo. Pareceu-lhe que via o apóstolo São Pedro ungir por rei o jovem príncipe Eduardo, estando este a seus pés, e que lhe prognosticava reinar em paz, sendo a felicidade de seus vassalos, a quem havia castigado Deus com aquela inundação de bárbaros.

O Príncipe ia entretanto crescendo em idade, em sabedoria e em prudência, sendo a admiração da corte sua modéstia, seu agrado, sua doçura e sua aprazibilidade. Disseram-lhe um dia seus cortesãos que não poderia abrir-se caminho para o trono senão à ponta de espada; ao que respondeu prontamente que nunca admitiria coroa alguma que custasse nem uma só gota de sangue.

Subiu, enfim, ao trono de seu pai, depois da morte do usurpador Canuto e de seus filhos, restituindo logo a seus Estados a antiga felicidade que haviam desterrado deles tantas turbações. Antes de tudo reparou as igrejas que os inimigos haviam saqueado ou arruinado, edificou outras novas, fundou muitos mosteiros e mandou que se restituíssem as posses usurpadas aos que já estavam fundados, sendo ditame seu que o meio mais seguro para que florescesse o Estado era fazer que florescesse a Religião; pelo que costumava dizer que o bem público da monarquia estava inseparavelmente ligado ao maior bem da Igreja.

Mas como a guerra não só havia desolado as províncias, mas também corrompido os costumes, dedicou toda a sua aplicação a reformar os abusos, a pôr ordem em todas as coisas e a procurar que renascesse em todas as partes e em todas as matérias a justiça e a boa-fé. Com estas providências, ao mesmo tempo que logrou a estimação de seus vassalos, ganhou-lhes também os corações. Não houve rei mais amado nem príncipe que merecesse melhor o nome de pai. Nunca manifestaram mais os povos o amor que lhe professavam que no dia de sua consagração, que foi o de Páscoa do ano de 1043. Foi universal a alegria e nunca tiveram fim os votos que toda a nação ofereceu ao céu para que lhe conservasse um príncipe tão bom.

Movidos todos os grandes do reino do desejo de ver perpetuadas numa longa sucessão as ilustres virtudes de um monarca que era as delícias da Inglaterra, apuravam-no para que se casasse, com o piedoso fim de lograr um sucessor à coroa que fosse descendente de tão santo rei; porque ignoravam que este havia feito voto de perpétua castidade. Cheio Eduardo de confiança no Senhor e na particular proteção da santíssima Virgem, a quem honrou e amou toda a vida como a sua querida mãe, quis dar este consolo a seus vassalos, sem faltar à fidelidade que devia a Deus. Havia-lhe destinado o céu uma esposa com todas as prendas dignas de uma grande rainha, a qual desde sua infância havia resolvido conservar sua virgindade, preferindo o augusto título de esposa de Jesus Cristo ao de mãe de um dos maiores reis da terra. Era esta ilustre princesa Edite, filha do conde Godwin, o senhor mais poderoso e mais rico da Inglaterra. Informado Eduardo de sua rara

virtude, consentiu em casar-se com ela e celebrou-se a boda com alegria universal dos povos e com magnificência verdadeiramente real. Não viu o mundo mais ditoso nem mais santo matrimônio. O Rei havia confiado à Rainha antecipadamente o voto que tinha feito; e a Rainha lhe ganhou o coração fazendo-lhe também recíproca confiança do que ela havia oferecido ao Esposo das virgens; de maneira que os dois castos esposos conservaram em meio da corte e entre as licenças do matrimônio, que facilmente puderam obter, aquela preciosa delicada flor que se murcha até na solidão e até no sombrio retiro do mais horroroso deserto.

Não podia deixar de ver a Deus na terra um coração tão puro; insigne favor que lhe dispensou o Senhor mais de uma vez. O amor a Cristo sacramentado correspondia à viva fé que o animava. Todos os dias gastava muitas horas diante do santíssimo Sacramento, derramando seu coração em presença de seu Deus com ternas e copiosas lágrimas; sendo tão grande seu respeito, sua devoção e sua compostura no templo que avivava a fé em todos os cortesãos. Assistindo um dia ao santo sacrifício da missa, viu com os olhos corporais a Jesus Cristo em forma humana, ao tempo que se elevava a hóstia; e sua extática suspensão, seu rosto inflamado, seus olhos imóveis, fixos no divino objeto, suas doces lágrimas e o gozo de que se manifestava inundado deram a conhecer, não uma vez só, aos circunstantes o favor com que o céu o regalava.

Dotou-o também com o dom de profecia; e estando ouvindo missa em certa ocasião, viu desde ali a morte do rei da Dinamarca, com a total perda de sua armada naval em que vinha para fazer um desembarque na Inglaterra. Notaram os circunstantes que ficou repentinamente como pasmado e atônito, derramando muitas lágrimas. Acabada a missa, alguns grandes tomaram a respeitosa confiança de perguntar-lhe que significava aquela novidade, e ele lhes referiu singelamente o funesto suceso dos dinamarqueses e de sua armada; notícia que se confirmou pouco tempo depois, ficando todos convencidos de que Deus lhe havia revelado o fracasso no mesmo ponto em que estava sucedendo.

Ganhou o coração de todos com sua doçura e com sua afabilidade, ao mesmo tempo que sua acesa caridade com todos os necessitados lhe mereceu o glorioso título de tutor de órfãos e pai de pobres. Depois de dar audiência horas inteiras a todos os que se apresentavam e de assistir às do despacho no gabinete com seus ministros, ocupava as demais em obras de misericórdia e a maior parte da noite em oração. Encontrou um dia na rua um pobre paralítico, carregou-o em seus reais ombros e levou-o à igreja aonde o enfermo ia arrastando-se. Premiou Deus no mesmo instante um ato tão heroico de caridade; porque o paralítico ficou são naquele ponto e publicou em todas as partes um milagre tão visível que a humildade do santo Rei pretendia ocultar. Em outra ocasião deu também uma ilustre prova daquele seu inesgotável fundo de caridade, de mansidão e de doçura. Seu tesoureiro-geral deixou um dia aberto o tesouro por inadvertência e certo oficial, sem reparar que o Rei o estava vendo, aproveitou-se da ocasião e furtou uma quantidade considerável. Não lhe falou palavra o santo Rei; mas voltando o tesoureiro e reconhecendo o roubo, suplicou a S. M. que se servisse mandar fazer uma exata pesquisa do delinquente. «Não o farei, respondeu o suavíssimo Monarca, porque é natural que o que furtou esse dinheiro tivesse mais necessidade dele que eu; mas tu tem cuidado daqui em diante de que não sejam tão fáceis semelhantes roubos.» Nunca houve príncipe mais universalmente estimado, não só de seus vassalos, mas também dos estrangeiros, pelo que todos os soberanos solicitavam sua amizade; de maneira que jamais se viu o reino da Inglaterra mais florescente nem nunca gozou de mais doce paz que no

tempo de seu reinado.

Fora do abrasado amor que professava a Jesus Cristo e da ternura com que amava a santíssima Virgem, tinha particular devoção a São João Evangelista, um dos principais protetores da virgindade; e em virtude desta devoção ofereceu não negar nunca esmola a quem lha pedisse em nome daquele glorioso Santo. Apareceu-lhe um dia ele mesmo em figura de um pobre que lhe pediu uma caridade por amor de São João Evangelista; o piedoso Rei não se achava à sazão com dinheiro e, tirando do dedo um anel, deu-o ao pobre. Poucos dias depois apareceu o santo Apóstolo a dois peregrinos ingleses e mandou-lhes que levassem ao Rei aquele anel, assegurando-lhe da sua parte que só lhe faltavam seis meses de vida e que ao cabo deles ele mesmo viria por ele para levá-lo às bodas do Cordeiro. Santo Eduardo recebeu com visível gozo aquele favor insigne de seu santo protetor e mandou que se fizessem orações em todo o seu reino, dobrando ele as suas, como também suas penitências e todas as demais obras boas que costumava exercitar. Foram aqueles seis meses uma acesa renovação de fervor e um continuado exercício de virtudes e obras de misericórdia. Enfim, tendo chegado o dia pronosticado pelo santo Apóstolo, que foi o 5 de janeiro do ano 1066, depois de uma curta enfermidade, tendo recebido os Sacramentos, cumulado de méritos, entregou sua inocente alma nas mãos de seu Criador, entre o pranto geral de toda a Inglaterra, quase aos trinta e seis anos de sua idade e no vinte e três de seu reinado. Nenhum Príncipe foi jamais chorado nem com maior sinceridade nem por mais largo tempo; pranto tão amargo como justo, que só o pôde enxugar o geral conceito que se tinha de sua santidade e a confiança dos povos em sua poderosa intercessão com o Senhor, o qual continuou em glorificar seu servo com multidão numerosa de milagres. Não contribuiu pouco ao aumento de seu culto o que sucedeu poucos anos depois de sua morte em presença do rei Guilherme o Conquistador, primo do Santo, de Lanfranco, arcebispo de Cantuária, do clero e nobreza da Inglaterra. Obrou-o Santo Eduardo em favor de um bispo que ele mesmo havia apresentado para o bispado, a quem sem razão queriam depor. Acudiu o prelado à proteção do santo Rei e, fixando sua cruz sobre a lousa da sepultura do Santo, que era de mármore, entrou por ela como poderia fazê-lo pelo mais brando e terno barro. Com esta ocasião fez o rei Guilherme que se encerrasse o ataúde numa caixa de ouro e de prata; elevou-se o santo corpo da terra trinta e seis anos depois de sua morte, achando-se tão inteiro e tão fresco, com todos os membros tão flexíveis como se estivesse vivo, e com os vestidos tão novos como se lhos acabassem de pôr. Desde então começaram os ingleses a instar incessantemente à Sé apostólica para que lhe declarasse culto público, o que lograram enfim, tendo-o canonizado solenemente com todas as formalidades necessárias o papa Alexandre III no ano de 1161, a instâncias de Henrique II, rei da Inglaterra; e o papa Inocêncio XI fixou sua festa ao dia 13 de outubro, no qual se havia achado inteiro seu corpo, exalando uma esquisita fragrância.

São Fausto e Companheiros, Mártires

O ódio com que a cega gentilidade olhava a religião de Jesus Cristo fez que os pagãos, zelosos de suas néscias superstições, perseguissem os Cristãos com a maior crueldade. Distinguiram-se nisto muitos de seus príncipes, persuadidos de que o manter sua religião era o fundamento da subsistência de seu império. Possuídos desta ideia, não satisfeitos com persegui-los de morte na capital de Roma, faziam-no em todas as províncias de seus domínios, para o que despachavam a todas elas presidentes ou governadores de condição brutal, com ordem de extinguir o nome cristão se pudessem. Entre estes ministros cruéis enviados à Espanha coube à província da Andaluzia um Eugênio mais verdugo que juiz, encaprichado como o que mais em sustentar a sangue e fogo a idolatria, o qual, logo que chegou a Córdova, fez publicar os editos acostumados, pelos quais se ordenava a todos os Cristãos sacrificar aos deuses romanos, sob pena de padecer os mais cruéis tormentos.

Achavam-se à sazão em Córdova Fausto, Januário e Marcial, a quem vários escritores nacionais fazem irmãos, filhos de São Marcelo centurião, ilustre mártir de Jesus Cristo, de cuja questão controvertida prescindimos por ser pouco importante para o mérito de seus gloriosos triunfos. Tendo sido educados estes três Santos nas infalíveis verdades da religião cristã, não menos zelosos do culto do verdadeiro Deus que Eugênio do de seus ídolos; condoídos da tirania com que tratava os Cristãos e muito mais sentidos das injúrias com que ofendia a Majestade divina; acesos em vivíssimos desejos de padecer martírio, apresentaram-se ao bárbaro Presidente e com o valor e generosidade própria dos esforçados militares de Jesus Cristo disseram-lhe: «Que é o que fazes ou pensas, Eugênio? Por que persegues os servos de Deus em lugar de crer o que eles creem?» Surpreendido o tirano com esta resolução, que graduou pela maior ousadia, perguntou-lhes: «Quem sois vós, desventurados, que assim vos atreveis a falar?» — «Nós, respondeu Fausto por todos, somos cristãos de profissão, que reconhecemos só um Deus verdadeiro, por quem tiveram ser todas as criaturas; a ele adoramos e reverenciamos, pois vossos falsos deuses não têm outro ser que o que lhes deu o artífice humano, de cujas mãos saíram vãs estátuas de pedra, lenho ou metal, sem que neles haja outra divindade que a que vossa cegueira lhes atribui; e com tudo isso não vos envergonhais de adorar as feituras de vossas mãos, deixando de fazê-lo ao Criador de todas as coisas.»

Acalorado o Governador ao ouvir este arrazoado, disse aos Santos: «Que arresto ou desesperação vos traz a despenhar-vos em vossa perdição?» — «Tu és o desesperado, replicou Fausto; pois, tendo em mau conceito o nome de cristãos, estás em estado de que estes te perguntem que negócio trazes com os inocentes que em nada te ofenderam, reconhecendo a Jesus Cristo por seu Senhor. Chamas-nos arrojados, mas nossa confissão não é efeito de desesperação. E se é certo que de alguma coisa desesperamos, é de ti mesmo, pois estás abandonado de Deus até o ponto de querer obrigar seus servos a que renunciem a ele.» Sentiu Eugênio a generosa liberdade com que o repreendeu Fausto; e querendo vingar-se, mandou aos verdugos que o pusessem num potro para castigar com esquisitos tormentos a falta de respeito que teve a sua autoridade. Então falou a Fausto Januário, em presença do mesmo perseguidor, nestes termos: «Tu padeces por todos nós, sendo assim que não tens outra culpa que a que todos temos cometido»; ao que respondeu aquele: «Nós temos estado sempre unidos sobre a terra; crede que também o estaremos no céu.» Ouvindo Eugênio estes e outros arrazoados dirigidos a manifestar o ardente desejo que todos três tinham de padecer por amor do Senhor, disse-lhes: «Sei muito bem que estais unidos na impiedade e que tendes concertado entre vós o que viestes dizer-me: voltai sobre vós e cessai de

blasfemar chamando Deus ao que não o é.» — «Muito mal persuadido estás, replicou-lhe Januário, em chamar impiedade nossa uniformidade, pois nunca tivemos maior acerto que confessando a Jesus Cristo por verdadeiro Deus em presença de seu inimigo.» Pelo que foi posto num potro como Fausto, fazendo o mesmo com Marcial, posto que se manteve constante em igual confissão.

Voltou o tirano a tentar Fausto, para rendê-lo à força de crueldades a que sacrificasse aos deuses imperiais; mas vendo-o alegre em meio dos tormentos, nos quais teve a valentia de dizer ao Juiz que o olhava como a filho do diabo, sendo idólatra e adorador dos demônios, Eugênio, ofendido destas expressões, mandou aos verdugos que lhe cortassem as orelhas, os narizes, as sobrancelhas, o lábio inferior e lhe arrancassem os dentes da gengiva superior; em cuja disposição não cessou o Santo de louvar e dar graças a Deus.

Pareceu a Eugênio que intimidaria a Januário vendo aquele espetáculo digno da maior compaixão e com esta ideia lhe falou nestes termos: «Já vês o estrago de Fausto a que deu motivo sua inobediência e obstinação; tem lástima de ti e não dês lugar a que contigo se execute igual crueldade.» — «Estás enganado, respondeu Januário, crendo Fausto obstinado porque sustenta com constância a verdadeira religião; jamais romperei eu os laços da caridade que me une com ele; ninguém haverá que nos possa separar da confissão do verdadeiro Deus, por cujo amor estamos resolvidos a padecer quantos tormentos puderes discorrer»; por cuja confissão ordenou o tirano que se o tratasse como a Fausto.

Quis valer-se Eugênio do exemplar de ambos para amedrontar o jovem Marcial, a quem repreendeu que não desse lugar a incorrer na mesma pena que seus companheiros; mas o Santo respondeu-lhe: «Minha maior ventura consiste em ser participante do que neles te assombra, o que a mim me serve de grande consolo; pois padecem por confessar o verdadeiro Deus, que eu confesso e louvo, que é o que só deve ser reconhecido e adorado de todas as criaturas»; pelo que mandou o tirano que sofresse igual castigo que Fausto e Januário; e conhecendo que em vão se cansava em persuadi-los, porque ao compasso dos tormentos cresciam nos ilustres Confessores o valor e os louvores a Jesus Cristo, desesperado de poder rendê-los, mandou que os queimassem vivos num voraz incêndio.

Quando os verdugos conduziam ao suplício os ilustres Mártires, animados todos três de um mesmo espírito, falaram aos Cristãos a uma voz assim: «Vós, caríssimos fiéis em Cristo, não queirais crer neste iníquo diabo: conhecei que fostes feitos à imagem e semelhança de Deus e por isso adorai-o e bendizei-o como a autor de vós e de todas as criaturas; e não presteis culto aos falsos deuses dos gentios, que são umas meras estátuas de pedra, lenha ou metal, obras das mãos dos homens, incapazes de dar divindade a suas feituras: sob cujo suposto desprezai as injúrias deste tirano, confessando sempre a Jesus Cristo por verdadeiro Deus, louvando-o sem cessar.» Concluído este discurso, arrojados às chamas, consumaram nelas o sacrifício de suas vidas no dia 18 de outubro do ano 303.

O fogo não consumiu os veneráveis corpos de sorte que não ficassem deles alguns ossos, os quais os fiéis depositaram por então num lugar oculto, onde depois que a Igreja gozou paz edificaram um templo em honra dos Santos, do qual faz menção Santo Eulógio, com o título dos três Mártires, cujo culto foi célebre no tempo dos godos; bem que esta igreja tomou no sucessivo o título de São

Pedro, porque no dia do santo Apóstolo o santo rei D. Fernando recuperou Córdova dos mouros; na qual se mantiveram incógnitas as relíquias destes e de outros ilustres Mártires, tendo-as ocultado os fiéis num sepulcro de pedra na irrupção dos árabes, por temor de que tão precioso tesouro não caísse nas mãos dos bárbaros. Assim se mantiveram por espaço de quinhentos anos, até o de 1367, em que se dignou o Senhor providenciar sua invenção no dia 21 de novembro, sendo bispo de Córdova D. Frei Bernardo de Fresneda, o qual, feita a correspondente justificação acerca da identidade daquelas relíquias, decretou sua veneração. Sobre o que, tendo consultado o papa Gregório XII com o processo formado no particular, cometeu Sua Santidade o conhecimento da causa ao concílio provincial que se celebrou em Toledo no de 1583, o qual aprovou a determinação do ilustríssimo Fresneda e mandou que se colocassem num lugar decente conforme parecesse ao bispo de Córdova. Em virtude do que D. Antônio Pazos, que o era à sazão, dispôs adornar a capela onde se haviam de depositar e fez um tabernáculo de jaspe, no qual se pôs a arca das relíquias sobre o altar-mor, cuja colocação se fez no 20 de novembro do ano de 1584; bem que o aniversário desta se celebra todos os anos no dia 18 do mesmo mês.

São Daniel e Companheiros, Mártires, Chamados Comumente os Santos Mártires de Ceuta

Na cidade de Ceuta, do império de Marrocos, padeceram pela fé sete frades Menores italianos no ano 1227, um ano depois da gloriosíssima morte de São Francisco. Chamavam-se Daniel, Ângelo, Samuel, Donulo, Leão, Nicolau e Ugolino. Estes santos religiosos, obtida permissão do que era então vigário-geral da Ordem, Frei Elias, vieram da Toscana à Espanha para daqui embarcar-se e ir pregar a fé a terra de mouros. Chegaram a Tarragona, em cujas costas estiveram buscando nau para passar à África. Frei Daniel, que era o prelado, varão de eminente santidade e doutrina e ministro da província da Calábria, não achou disposição mais que para levar consigo três religiosos e, embarcando-se com eles, disse aos outros que aguardassem para ir em outro navio. Chegado a Ceuta, enquanto chegavam os que ficaram cá, pregavam ele e seus companheiros aos mercadores da Espanha e de outros reinos que havia naquela cidade. Quando os de cá se lhes juntaram em Ceuta, que foi o dia último de setembro, todos unânimes com grande fervor de espírito e zelo pela salvação das almas, lançando fora o temor da morte, começaram a preparar-se para o martírio e a tratar entre si como poderiam chegar a tão alta coroa. Moravam com os Cristãos num bairro fora da cidade e a nenhum deles era lícito entrar sem especial licença dos mouros. Determinaram, pois, entrar secretamente antes que os Cristãos pudessem entender sua intenção, para que não lhes impedissem pregar aos infiéis a verdade de nossa santa fé, que era ao que haviam ido. Tendo-se, pois, preparado com larga oração e com os sacramentos da Penitência e Eucaristia, um domingo muito de manhã, de improviso entraram na cidade e por todas as ruas e praças iam dizendo em alta voz que em só Jesus Cristo há salvação eterna.

Graduando os mouros a generosa ação dos insignes Minoritas por um atentado criminal, choveram desde logo sobre nossos Santos bofetadas e outras gravíssimas injúrias daquela gente e os apresentaram a seu rei. Ali com novo fervor seguiram publicando a fé de Jesus Cristo e a falsidade da lei de Maomé, a qual haviam eles de deixar se queriam salvar-se. O rei e os da corte, vendo em seu traje tanta pobreza, tiveram-nos por loucos; e pela ousadia que haviam tido de falar contra seu profeta, mandou pô-los numa cadeia muito áspera e carregá-los de prisões: ali estiveram oito dias passando grandes vexações e trabalhos.

Neste tempo escreveram uma carta ao P. Hugo, sacerdote e vigário dos genoveses, e a outros religiosos e aos demais seculares que ali se achavam. Nela, depois de dar graças a Deus nosso Senhor pela fortaleza e consolo que dele recebiam naquela tribulação, referiam-lhes o motivo de seu encarceramento e como os tiveram por loucos e como esperavam que o Senhor aceitaria suas vidas em sacrifício da confissão de sua fé.

No domingo seguinte, a 10 de outubro, às dez da manhã, tiraram do cárcere os benditos religiosos e os levaram diante do Rei. Ali foram diligentemente examinados pelos oficiais de justiça e perguntados se lhes pesava do que haviam dito contra Maomé e sua lei. Eles então com nova firmeza disseram que não, antes voltaram a afirmar que a lei de Maomé não era lei de salvação, mas de condenação perpétua e que ninguém podia salvar-se sem receber a fé de Nosso Senhor Jesus Cristo e batizar-se como ele o havia mandado. E disseram mais que pela verdade desta fé estavam prontos a padecer a morte corporal, porque tinham muito certa esperança de receber de Jesus Cristo a vida eterna. Então os mouros, tomando conselho como os converteriam à sua lei, determinaram chamá-los a cada um por si e com promessas e ameaças combatê-los e, se não pudessem convencê-los, que logo fossem mortos. Saiu-lhes mal esta traça: com a fortaleza do Senhor desprezaram estes servos seus os regalos e os castigos e mostraram que lhes seria deleitosa a morte padecida por tão boa causa. Então os levaram juntos ao tribunal e um meirinho com grande fúria chegou-se ao santo Daniel e com a espada deu-lhe um grande golpe na cabeça e com ela começou a esgrimir diante de seu rosto dizendo: «Volta-te mouro, volta-te mouro, senão morrerás malamente.» Estando o servo de Deus muito constante na fé, o juiz e outro mouro ancião com aparência de piedade lhes diziam: «Por que quereis perder os bens e deleites desta vida tão miseravelmente? Abraçai nossa lei e sereis honrados e ricos neste mundo e no outro.» Frei Daniel, voltando-se ao mouro ancião, disse-lhe: «Ó envelhecido em dias maus! Até quando hás de viver nos enganos de Satanás? Porque teu maldito Maomé é criado de Satanás e é causa da morte para sempre a todos os que o seguem a ele e a sua falsa lei: portanto converte-te à nossa santa fé católica, para que possas salvar-te, conhecendo a teu Criador, que já é tempo que o conheças e te apartes dos erros de teu profeta.»

O juiz, ouvindo isto, sentenciou-os à morte. Os religiosos então chegaram-se ao santo Frei Daniel, seu pai e pastor, e beijavam-lhe as mãos e lhe davam graças porque os havia trazido a tão bom lugar, e cada um deles dizia: «Pai, dá-me tua bênção e licença para que entregue meu corpo à morte por amor de Jesus Cristo e minha alma siga à tua para os céus.» E o santo Frei Daniel, caindo-lhe as lágrimas, os bendizia e louvava a Nosso Senhor que por só sua bondade os havia chamado a tão alta coroa e dizia: «Alegremo-nos todos muito no Senhor e demos-lhe graças por este dia de festa que nos dá; porque os Anjos estão em nossa ajuda e a porta do paraíso nos está aberta e hoje todos juntos nos veremos entre as coroas dos Mártires na glória.» Não tardaram os

ministros de justiça em desnudá-los e atar-lhes as mãos, para desta sorte levá-los a voz de pregão desde a casa do Rei até o sítio onde justiçavam os malfeitores fora da cidade. Iam os gloriosos Mártires com grande alegria, seguros do banquete eterno que lhes tinha Deus preparado, e com a mesma deram o pescoço ao verdugo.

Depois de degolados, não contentes com isto os mouros, despedaçaram-lhes as cabeças e os corpos e os arrastaram pela cidade com grande algazarra como em vingança de seu profeta. Teve-se por coisa de milagre que pudessem salvar-se algumas de suas relíquias, as quais foram honrosamente sepultadas no bairro dos genoveses, pisanos e marselheses, obrando Nosso Senhor grandes maravilhas por intercessão de seus servos. A memória destas relíquias perdeu-se com o tempo, ficando só viva a de seu martírio, que passou à letra como temos dito no dia 10 de outubro, ainda que o Martirológio Romano faz memória em tal dia como hoje. Leão X concedeu à Ordem de São Francisco no ano 1516 que celebrassem a estes santos Mártires festa solene de duplo maior. Frei Juanetín Niño advertiu que no breviário da santa igreja de Braga anda errado o número dos anos em que os santos Mártires padeceram e que onde diz na era 1221 deve dizer 1227 anos. Da trasladação que destas relíquias se supõe feita na Espanha por um infante de Portugal, diz o mesmo historiador que não resta memória certa nos livros da Ordem.

Missa (oração)

A missa é em honra de Santo Eduardo, e a oração é a seguinte.

> **Latim:** *Deus, qui nos beatum regem Eduardum confessorem tuum æternitatis gloria coronasti: fac nos, quæsumus, ita eum venerari in terris, ut cum eo regnare possimus in cœlis. Per Dominum nostrum Jesum Christum...*

Português: Ó Deus, que coroastes na glória eterna o bem-aventurado Eduardo, vosso confessor, suplicamo-vos que nos concedais venerá-lo de tal maneira na terra que mereçamos reinar com ele no céu. Por Nosso Senhor Jesus Cristo, etc.

Epístola

A epístola é do capítulo 31 do Eclesiástico (o impresso remete à página do dia 6 de outubro).

Eclesiástico 31,8-11

>

> **Latim:** [8] Beatus dives qui inventus est sine macula, et qui post aurum non abiit, nec speravit in pecunia et thesauris. [9] Quis est hic ? et laudabimus eum : fecit enim mirabilia in vita sua. [10] Qui probatus est in illo, et perfectus est, erit illi gloria æterna : qui potuit transgredi, et non est transgressus ; facere mala, et non fecit. [11] Ideo stabilita sunt bona illius in Domino, et eleemosynas illius enarrabit omnis ecclesia sanctorum.

Português: [8] Bem-aventurado o rico, que foi achado sem mancha e que se não deixou ir após o ouro, nem esperou no dinheiro, nem nos tesouros. [9] Quem é êste, e nós o louvaremos? Porque fêz coisas maravilhosas em sua vida. [10] Ao que foi provado no ouro, e se achou ser perfeito, isto lhe servirá de glória eterna: O que pôde transgredir a lei de Deus, e não a transgrediu: O que pôde fazer mal e não o fêz: [11] Por isso os seus bens foram assegurados no Senhor, e toda a igreja dos Santos celebrará as suas esmolas.

Reflexões

Toda a assembleia dos Santos publicará suas esmolas. Esta é a matéria do mais magnífico elogio que se pode fazer de um grande. Dão verdadeiramente as esmolas um título de muito esplendor. Não há prova maior de uma grande alma, de um grande fundo de religião, de um coração nobre, generoso e compassivo, de um espírito cabal, de um entendimento direito, bem posto e superior a todas as paixões, de umas inclinações inteiramente cristãs, que esta caritativa liberalidade. A dureza com os pobres sempre é efeito de uma alma baixa, de um coração duro e apertado, de um ânimo pouco cristão e de um entendimento medíocre, limitado e verdadeiramente vulgar; quase estava por dizer que também é sinal de reprovação. Não parece que pode ser liberal com Deus o que é tão escasso com os pobres. Costuma-se atribuir a inconstância na prosperidade a mil acidentes que certamente não têm tido parte nela. A causa mais comum desses reveses, dessas revoluções de fortuna costuma ser a dureza dos ricos com os necessitados. Se se negam a Deus os interesses, que maravilha que nos despoje do principal? Os fundos que têm sido mal administrados pelos pais não se confiam depois aos filhos: «Arrendou a outros lavradores.» Se se fecham os canais por onde há de correr a água, logo se desviará para outra parte. Queres fixar essa brilhante, essa florescente fortuna? Queres que sejam por largo tempo hereditárias essas posses, essas rendas? Queres assegurar a abundância em tua família? Pois sê rico, sê liberal, sê magnífico em esmolas. Não há título mais seguro de prosperidade que a subsistência dos pobres. Suas bênçãos conjuram as tempestades. Interessa-se o mesmo Deus no bem que se faz a eles. Tudo o que se lhes dá, põe-se a lucro. Nem tua habilidade nem tuas próvidas disposições assegurarão os bens a teus filhos; mais força, mais virtude têm para isso as esmolas que todas as escrituras e todos os contratos. Oh, e quantos e quão cruéis remorsos se pouparão, quantos sobressaltos se escusarão se se cumprisse com certas obrigações que nunca se violam sem injustiça! Quantos méritos se granjeariam diante de Deus se aqueles que se veem ricos com os bens da Igreja deixassem entrar em parte do gozo que lhes toca os que têm legítimo direito para que se repartam com eles! O benefício que só é benefício para seu possuidor é um título muito oneroso para a outra vida. Os

ricos, segundo a ordem da divina Providência, só são ricos para os pobres. Qual será a sorte de um beneficiado eclesiástico que só foi rico para seus parentes, para suas diversões, para seu regalo e para si mesmo? Coisa estranha! Haverá algum que se teria em outro tempo por ditoso se lograsse um benefício de dez mil reais, o qual, logrando-o hoje de dez mil ducados, será e efetivamente é pobre. Mas acaso porque o têm empobrecido as esmolas?

Evangelho

O evangelho é do capítulo 12 de São Lucas (o impresso remete à página do dia 6 de outubro).

Lucas 12,35-40

> **Latim:** 35 Sint lumbi vestri præcincti, et lucernæ ardentes in manibus vestris, 36 et vos similes hominibus exspectantibus dominum suum quando revertatur a nuptiis : ut, cum venerit et pulsaverit, confestim aperiant ei. 37 Beati servi illi quos, cum venerit dominus, invenerit vigilantes : amen dico vobis, quod præcinget se, et faciet illos discumbere, et transiens ministrabit illis. 38 Et si venerit in secunda vigilia, et si in tertia vigilia venerit, et ita invenerit, beati sunt servi illi. 39 Hoc autem scitote, quoniam si sciret paterfamilias, qua hora fur veniret, vigilaret utique, et non sineret perfodi domum suam. 40 Et vos estote parati : quia qua hora non putatis, Filius hominis veniet.

Português: 35 Estejão cingidos os vossos lom- bos, e nas vossas mãos tóchas ac- cesas; 36 e sede vós-outros semelhantes aos homens, que esperão a seu senhor, ao voltar das vodas: para que, quando vier, a bater á porta, logo lha abrão. 37 Bemaventurados aquellos servos, a quem o senhor achar vigiando, quando vier: na verdade vos digo, que elle se cingirá, e os fará sentar á meza, e passando por entr'elles, os servirá. 38 E se vier na segunda vigilia, e se vier na terceira vigilia, e assim os achar, bemaventurados são os taes servos. 39 Mas sabei isto, que se o pai de familia soubesse a hora em que viria o ladrão, vigiaria sem dúvida, e não deixaria minar a sua casa. 40 Vós-outros pois estai apercebi- dos: porque á hora, que não cuidais, virá o Filho do homem.

Meditação

Que não se deve dilatar nem um só dia a conversão

Primeiro ponto

Considera que, por regulado que um seja em sua conduta, sempre tem que reformar; faltam-lhe muitas virtudes que adquirir; resta-lhe muita penitência que fazer. Não há pessoa que não tenha necessidade de converter-se; tampouco a há que durante o tempo de sua vida não tenha alguma vez o pensamento de converter-se a Deus com toda a alma; e menos que não queira morrer depois de perfeitamente convertida. Daqui nascem aqueles projetos de conversão para o futuro, aquele plano de vida cristã que se costuma formar em meio das maiores desordens. «Espero, diz um homem do mundo cuja consciência está pouco tranquila, espero que Deus me fará a mercê de que acabe os dias desta miserável vida numa solidão, num convento, onde não pense em outra coisa que em minha salvação.» «Eu, diz outro curial, desejo ansiosamente que se acabe este pleito, pôr em ordem minhas dependências e retirar-me deste tropel de negócios e de ocupações que não me deixam lugar para dedicar-me nem um só instante ao importante negócio da salvação. Só desejo dar estado a meus filhos, que se acabe o tempo deste emprego, deste negro cargo, para ir-me enterrar vivo num deserto e pensar unicamente em dispor-me para morrer.» Estes são os ilusões com que se procuram acalmar aqueles cruéis remorsos, aqueles salutares sobressaltos que excita Deus na alma dos maiores pecadores. Não há coisa que mais sossegue nem que mais falsamente tranquilize uma consciência justamente sobressaltada que estes projetos de conversão a cada qual mais frívolos e mais vãos. Entre todos os meios de que se vale o demônio para perder os homens, nenhum lhe sai melhor que estes propósitos sempre inúteis e sempre infrutuosos. Para converter-se são mister três coisas: tempo, vontade e graça. Ainda que se dilatasse a conversão não mais que um só dia, quem nos disse que teremos esse só dia para converter-nos? E ainda que chegue este só dia, quem nos assegura que então teremos mais vontade de converter-nos que agora? E dado caso que nos achemos então com melhor vontade que ao presente, por que revelação sabemos que a graça de então será mais eficaz que aquela a que temos resistido até aqui? Em meio disso este é o cimento em que se funda este edifício imaginário de uma conversão quimérica. Pode haver nem fundamento mais débil, nem condição mais exposta, nem projeto menos prudente, nem suceso mais arriscado?

Segundo ponto

Considera que há durante a vida certos momentos felizes nos quais, a favor de não sei que ilustração interior, se descobrem de repente tantos defeitos nas criaturas, tanto vazio em todos os bens criados e se sente tanto desgosto do mundo que sem liberdade se confessa que é insensatez tudo o que não seja servir a Deus. Sobra entendimento para render-se às razões que convencem ser necessária a conversão; mas falta generosidade para resistir às paixões que tiranizam a alma. Engenhoso sempre o amor-próprio para perder-nos, encontra um temperamento entre estes dois partidos: satisfaz a razão, convindo em que é necessária a conversão, e acomoda-se com a covardia ou com a irresolução, dilatando a conversão para outro tempo; e com esta dilação nos põe em evidente perigo de não converter-nos jamais. Que coisa há mais incerta que o tempo! Inumeráveis foram surpreendidos pela morte na mesma véspera de sua conversão. Oh, e que coisa tão triste é morrer com só o ânimo de converter-se no futuro! «Ainda não é tempo (costuma-se dizer) de deixar esta má amizade, de apartar-me desta ocasião, de reformar meus perversos costumes, de entabular uma vida cristã e regulada.» Mas quando será tempo! Quando! «Quando se apague ou se entibie o fogo da juventude; quando a idade madura e minha própria experiência me desenganem das bagatelas que agora me embelezam; quando todas as coisas conspirem em

levar-me a Deus.» Assim discorrem quase todos os homens sobre o projeto de sua conversão, porque ninguém se quer morrer sem converter-se; mas discorrem bem? Há segurança em chegar àquela idade em que, sossegado o ânimo, cansadas ou adormecidas as paixões, nos deixem a necessária liberdade para conhecer a vaidade, a insubsistência e o nada de tudo o que agora nos encanta? Desde quando podemos nós dispor do tempo e dos momentos de que só é dono nosso Pai celestial? E quem nos disse que as paixões se debilitam e enfraquecem com a velhice? Ah! que sucede todo o contrário. Diminuem-se, é assim, as forças do corpo e até o ânimo experimenta os efeitos da fraqueza; mas os costumes viciosos se fortificam e, por dizê-lo assim, se aproveitam da mesma fraqueza do ânimo para tiranizar-nos com maior império. Raras vezes se vê um velho dissoluto que perfeitamente se converta. Mas dizes: em todo tempo se pode um converter; bem está, mas quem te disse que em todo tempo estarás em estado de converter-te? Não o quiseste fazer quando Deus te solicitava, quando eram menores os estorvos, quando não estavam tão apertados os laços, quando os maus hábitos não tinham tantas forças; como podes prudentemente esperar que o quererás e que o farás quando se hajam multiplicado todos estes impedimentos; quando estejam mais inveterados os maus hábitos e quando Deus esteja cansado de tua teimosia e de tua resistência?

Ah Senhor! Convencido estou de que não há outra conversão que a que se faz no dia. Desde hoje mesmo estou resolvido a converter-me; dai-me graça para fazê-lo assim; porque, se não me converto hoje, corro muito perigo de não converter-me jamais.

Jaculatórias

Sim, meu Deus; nesta mesma hora me quero converter. (Sl 76.)

Não, Senhor, nunca deixareis de receber benignamente um coração verdadeiramente contrito e humilhado. (Sl 50.)

Propósitos

1. Lisonjeie-se em boa hora um a si mesmo com as melhores esperanças, pareça-lhe em boa hora que tem a mais verdadeira vontade de converter-se; dilatar um só dia a conversão é verdadeiramente não querer converter-se. Clame-se quanto se quiser contra esta proposição, não a há mais verdadeira. Não queiras fazer em ti mesmo a experiência; antes bem segue o conselho do Profeta: «Hoje, se ouvirdes sua voz, não endureçais vossos corações.» Pois Deus te convida agora para que reformes teu coração e para que te convertas, faze-o desde logo sem a menor dilação. Dá princípio pedindo perdão a Deus de todos os teus pecados e em especial de tua resistência até agora à divina graça. Não deixes este livro sem fazer antes um ato de contrição sincero e verdadeiro.

2. Antes que se passe este mesmo dia faze que se vejam em ti alguns efeitos desta resolução. Priva-te desse jogo, aparta-te dessa companhia, retira-te dessa casa, não vejas mais essa pessoa.

Separa hoje mesmo uma parte dessa quantia que deves restituir, notando que é parte de maior quantia que estás devendo a fulano. Se tens necessidade de fazer confissão geral, começa desde logo a escrevê-la; dá princípio reformando a profanidade e essas galas demasiadamente mundanas. Se em teu estado tens sido menos regular ou se tens edificado pouco a teus irmãos, começa hoje a dar-lhes bom exemplo por meio da exata observância de tuas regras, particularmente daquelas que mais costumas quebrantar. Segue hoje mesmo este conselho, advertindo que, se o desprezas, tudo arriscas.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:53:35 by Admin
Updated 20 November 2026 20:53:35 by Admin